

Plano garantirá o crescimento

O Plano Real vai garantir o crescimento econômico no segundo semestre, afirmam economistas. "O crescimento não se sustentaria sem isso", afirma o diretor do Ipea, Cláudio Considera. "Sem o real, a tendência seria entrar num novo ciclo recessivo", afirma o presidente do Mappin, Carlos Antônio Rocca.

O sócio da MCM Consultores e ex-ministro Mailson da Nóbrega enumera seis motivos para a economia avançar no segundo semestre: 1) ganhos salariais das faixas mais baixas

(D e E); 2) revigoração do crédito ao consumo (cartões de crédito, crediário, endividamento pessoal); 3) efeito da ilusão monetária (juros nominais menores); 4) efeito da antecipação de consumo dos que não acreditam em inflação zero; 5) eleições; 6) boa safra agrícola. Nóbrega acredita que a hipótese do contingenciamento do crédito está descartada. Na prática, a partir de julho ficarão estáveis os principais preços da economia, como os públicos, os definidos por contratos (aluguéis, menssalidades, construção civil) e preços de setores mais evidentes.

"Isto favorecerá a manutenção do poder de compra dos salários".

Os economistas em geral prevêem que a taxa de crescimento do PIB atingirá 3% a 4% em

1994, bem acima do crescimento populacional de 2%. Parte do crescimento virá do aumento do consumo, inclusive pela utilização de recursos depositados em fundos e cadernetas. Se 5% dos quase US\$ 30 bilhões depositados em cadernetas fossem transferidos para o consumo em um mês (US\$ 1,5 bilhão), cresceria 5,5% o consumo privado de US\$ 27 bilhões mensais, equivalentes a 65% do PIB. "Esperamos alguma elevação, mas não uma explosão da demanda", observa Rocca.

Dosar o crescimento é essencial para evitar a volta da inflação. "Se o Plano Real buscar a contenção da inflação, o controle da despesa pública, da moeda, pode ocorrer até uma re-

dução momentânea da atividade, mas 3% de aumento do PIB não é empecilho ao combate da inflação", analisa Considera. O espaço para o crescimento está nos bens não-duráveis, como alimentos industrializados, cujas vendas foram relativamente fracas em 1993. "Os não-duráveis estão 8% abaixo da produção potencial", calcula Considera.

Até a década passada, o crescimento potencial da economia brasileira era calculado em 7% ao ano, mas hoje esse número deve situar-se entre 4% e 5%, segundo o economista.

